

Licença CC BY:
Artigo distribuído
sob os termos
Creative Commons,
permite uso e
distribuição
irrestrita em
qualquer meio
desde que o
autor credite
a fonte original.



ETIQUETA: DOIS MODELOS ANALISADOS DO PONTO DE VISTA DA HOSPITALIDADE

ETIQUETTE: TWO MODELS ANALYZED FROM THE POINT OF VIEW OF HOSPITALITY

ETIQUETA: DOS MODELOS ANALIZADOS DESDE EL PUNTO DE VISTA DE LA HOSPITALIDAD

LUIZ OCTÁVIO DE LIMA CAMARGO¹

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SÃO PAULO, SÃO PAULO, BRASIL

DATA DE SUBMISSÃO: 16/11/2018 – **DATA DE ACEITE:** 21/09/2019

RESUMO: O objetivo desta comunicação é mostrar que a noção de etiqueta, analisada sob a ótica da hospitalidade, remete a dois modelos de contato interpessoal: um baseado na expressão identitária, que é o ser/estar-bem junto com outras pessoas, valorizando a expressão genuína da própria hospitalidade, e outro, aqui chamado de distinção social, o seu contrário, que valoriza o parecer, o distinguir-se para mostrar-se acima dos outros. Para tanto, efetua um estudo comparativo da concepção de etiqueta expressa em dois livros – *Snobérismo*, de Marcelino de Carvalho e *Na sala com Danuza*, de Danuza Leão. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com recurso à técnica de análise de conteúdo, entendida com uma técnica de investigação para a descrição objetiva, sistemática, tanto qualitativa como quantitativa do conteúdo de qualquer forma de comunicação. As categorias escolhidas são os tempos da hospitalidade humana – receber e ser recebido, hospedar e ser hospedado, alimentar e ser alimentado, entreter e ser entretido (Camargo, 2004), que se cruzam com expressões extraídas dos textos, denotando expressão identitária ou distinção social.

PALAVRAS-CHAVE: etiqueta; hospitalidade; distinção social; expressão identitária.

INTRODUÇÃO

Etiqueta e cerimonial são temas sempre presentes nas diferentes grades curriculares dos cursos de turismo, hotelaria, eventos e relações públicas. É algo importante também para todos os indivíduos que transitam por diferentes espaços da sociedade, nos quais mostrar-se “bem-educado” é condição de exercício social e profissional.

¹ Professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi-UAM, São Paulo, SP, Brasil. Professor colaborador do Programa de Mestrado em Turismo da Universidade de São Paulo, SP, Brasil. Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Sorbonne Paris 5, Livre-Docente em Lazer e Educação pela USP/EACH. E-mail: olimacamargo@gmail.com. ORCID: 0000-0002-2387-7214



Exatamente por isso, inúmeros manuais povoam hoje as prateleiras das livrarias², com dicas variadas para o trato social nos diferentes tempos e espaços. A título de exemplos, podem ser citados Pimentel (2004), Ribeiro (2006) Matarazzo (2010), que trazem conselhos para a vida cotidiana; Falcão (2010), que trata especificamente da etiqueta à mesa, associando a etiqueta à moda-vestuário; Castro (2000), que fala dos cuidados do vestir-se e do postar-se da mulher frente a seu parceiro, de modo a preservar a aura de beleza e não permitir que gestos impensados e pouco estéticos destruam um romance; Benett (2010) para os negócios; Ribeiro (1997) com textos práticos e ilustrações para introduzir as crianças no universo da etiqueta; e, o mais recente de todos, Aguiar (2011), que trata da comunicação virtual.

O pressuposto desta reflexão é que a teoria da hospitalidade pode lançar uma nova luz sobre o tema. Aliás, as noções mesmas de etiqueta e hospitalidade estão imbricadas. Pode-se dizer que a etiqueta, entendida como manual de boas maneiras na vida social, é a forma variável no tempo e no espaço por meio da qual cada sociedade expressa seu respeito às leis universais e não escritas da hospitalidade (MONTANDON, 2011). Receber bem o hóspede é um dever do anfitrião, valorizado em todas as sociedades. Mas a forma como cada sociedade recomenda o tratamento ao estranho é domínio da etiqueta.

A etiqueta, por sua vez, é um sucedâneo, mas não se confunde com a hospitalidade. Esta, com suas leis, na verdade, é o crivo de análise da qualidade da encenação do ritual dos diferentes modelos de etiqueta.

Como um protocolo da hospitalidade humana, a etiqueta pode ter como resultado tanto o reforço como o esgarçamento do vínculo humano. Pode ser o instrumento de uma convivência agradável, mas também uma prática que pode conduzir à inospitalidade ou mesmo à hostilidade.

O objetivo deste texto é mostrar que a noção de etiqueta remete a dois modelos de cultura interpessoal: um primeiro, aqui chamado de expressão identitária, que é o ser/estar-bem junto com outras pessoas, valorizando a expressão genuína da própria hospitalidade, e outro, aqui chamado de distinção social, o seu contrário, que valoriza o parecer, o distinguir-se para mostrar-se acima dos outros, valorizando duas figuras da inospitalidade, o intruso e o parasita (ROMAN e TOMICHE, 2011). De qualquer maneira, o que se quer desvelar é a cultura das relações pessoais, da virtude buscada, dos ritos associados e da natureza da troca, enfim, aquilo que Camargo (2015) chama de os quatro conceitos subjacentes à noção de hospitalidade.

DISTINÇÃO SOCIAL

A noção de distinção social é mais fácil de ser circunscrita. Diz respeito aqui a todos os usos do consumo como forma de violência simbólica, de instrumento de poder, de afirmação sobre o outro.

² Há quase 50 títulos diferentes no site <http://www.livrariacultura.com.br>. Acessado em 30.09.2018.

Historicamente, esse modelo nasce como elemento de cerimoniais cívicos ligados ao surgimento da realeza, reforçando laços de submissão e respeito. Ao longo da História, este modelo espalhou-se pela sociedade, tornando-se um elemento marcador de classes sociais e acentuador da sua divisão. Aqui se entra no exercício da distinção social, no sentido que Veblen (1965), Bourdieu (2007), Featherstone (1995) e outros nas ciências sociais atribuem à busca do parecer ser, do “arrivismo”, daquilo que corriqueiramente se denomina “alpinismo social”. A lógica deste modelo é o controle, a repressão do gesto informal e a distinção entre os que estão *in* e *out* na cena hospitaleira.

EXPRESSÃO IDENTITÁRIA

A dificuldade maior está no conceito de expressão identitária. Aqui, o termo diz respeito às formas de contato interpessoal em que o indivíduo afirma seus gostos e suas aspirações pessoais. O outro figura como uma referência para essa afirmação. Como a cena hospitaleira é feita de expressões verbais e não verbais, nem sempre é fácil distinguir quando essa expressão de identidade é genuína ou quando apenas encobre o interesse na distinção social. Por isso, fica-se aqui no plano das intenções reveladas pelos textos. Ademais, a identidade se caracteriza por uma diferenciação em relação a outros sujeitos e, não raro, é estabelecida pelo outro, o que pode tornar a questão um beco sem saída, uma aporia. Como diz Bauman (2001), na modernidade líquida as identidades tornam-se instáveis. Sem falar nas 10 características que Giddens (2002) enumera para a auto-identidade na modernidade tardia. Caminhou-se, pois, com cuidado no estabelecimento dessas distinções, limitando a seleção de textos aos exemplos mais evidentes.

Como Cyrulnik (1989) escreveu sobre a história natural do vínculo humano (tema caro à hospitalidade), para ele, o fato de abrir para um conviva um pote de pickles é exibir toda a sua ancestralidade russa e apresentar-se nessa condição identitária. Os valores embutidos nesse modelo são os da autenticidade, em oposição ao parecer da igualdade e da informalidade em oposição à repressão. A lógica deste modelo é o estar-bem na cena hospitaleira.

Esse segundo modelo, que recusa práticas irracionais ou sem sentido do primeiro modelo, é bem mais recente e sua afirmação, como se verá adiante, pode ser atribuída às mudanças que aconteceram depois da Segunda Guerra Mundial e que tem como marco a afirmação da juventude não apenas como idade socialmente reconhecida como prevalente sobre todas as demais.

MATERIAL E MÉTODOS

Para dar conta desse objetivo, primeiramente se buscou efetuar uma revisão bibliográfica sobre o tema, trazendo elementos teóricos da hospitalidade e da etiqueta, antes de alinhar os principais resultados obtidos e discuti-los.



Elegeram-se como campo de observação empírica dois textos: o livro *Snobérrimo*, de Marcelino de Carvalho³ e *Na sala com Danuza*, de Danuza Leão⁴. A aderência dos autores à pesquisa é clara desde o início.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa com recurso à técnica de análise de conteúdo desses dois livros. A análise de conteúdo é uma técnica de investigação para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo de qualquer forma de comunicação (MINAYO, 2000). Para que seja objetiva, tal descrição exige uma definição das categorias de análise, de modo a permitir que diferentes pesquisadores possam utilizá-las obtendo os mesmos resultados. Há duas ordens de categorias cruzadas: os tempos da hospitalidade humana – receber e ser recebido, hospedar e ser hospedado, alimentar e ser alimentado, entreter e ser entretido (Camargo, 2004) cruzam-se com expressões extraídas dos textos, denotando expressão identitária ou distinção social. Esta pesquisa pode abrir caminho, no futuro, para o estudo de outras “deformações” da hospitalidade humana expressas em práticas de etiqueta tanto no espaço doméstico como urbano (inclusive o comercial) e o virtual.

REFERENCIAL TEÓRICO

Etiqueta e cerimonial são protocolos da hospitalidade em situações de alguma formalidade e são sempre mais complexos quanto mais formal for o evento. As formalidades do cerimonial, como notam Tomelin e Batista (2003, p.70), “regem as relações e a civilidade entre as autoridades constituídas nos âmbitos jurídico, militar, eclesiástico, diplomático, universitário, privado e em todas as instâncias do Poder Público”. Já a etiqueta rege as relações interpessoais, foco desta reflexão, e se, historicamente, sempre foi contaminada pelas formalidades do cerimonial, experimentou mudanças significativas ao longo dos tempos a caminho de uma informalidade sempre maior. Hospitalidade e etiqueta são, pois, as palavras-chave desta reflexão.

HOSPITALIDADE

Cantada e decantada nos poemas homéricos, na Bíblia, no Alcorão, substrato doutrinal comum às religiões, a hospitalidade sempre designou o desafio do encontro com o estranho, com o “outro”.

A emergência do tema se deve, em primeiro lugar, aos fluxos migratórios de populações de regiões e áreas pobres na direção de países e regiões mais ricos, intensificados a partir da década de 1970. As difíceis condições de vida a que indivíduos e grupos sempre foram submetidos nestas situações despertaram o tema tanto na filosofia como na socioantropologia. Deve-se, também, a outro fluxo migratório, de sinal muitas vezes invertido em relação ao primeiro: embora

3 Antônio Marcelino de Carvalho, jornalista, foi o grande nome da etiqueta no Brasil dos anos 1950.

4 5 Jornalista e cronista social do jornal Folha de São Paulo.

os países ricos sejam os mais procurados, é intenso o movimento de pessoas com dinheiro que se dirigem a países e sociedades mais pobres.

A terceira fonte de inspiração para a emergência do tema é mais diretamente ligada a esta reflexão. Trata-se do inconformismo de muitas pessoas com o anonimato nas grandes cidades, que se traduz em cenas de inospitalidade e hospitalidade. A busca do calor humano nas relações interpessoais é certamente uma das causas. A hospitalidade tem leis não escritas e a primeira delas é sem dúvida a hospitalidade incondicional de Derrida (DUFOURMANTELLE, 2003). Referindo-se a uma norma costumeira ancestral, anterior à de lei positiva dos códigos de direito, esta lei torna imperativo o dever de abertura e de acolhida para o estranho e o estrangeiro. Se os indivíduos e os códigos de direito não conseguem assumir tal desafio, já que o ato de acolher outrem não pode ser policiado, nem por isso sua negação deixa de ser vista como omissão. A hospitalidade é, assim, também um estatuto ancestral de ética.

A noção de hospitalidade remete à ideia de um encontro ritualizado (CAMARGO, 2014) entre dois atores, no sentido social e teatral do termo. Tais atores estão sujeitos a outras leis não escritas. Na cena hospitaleira (PITT-RIVERS, 2012; GOTMAN, 2008), aquele que recebe, o anfitrião, deve honrar seu visitante, atender às suas necessidades de acolhimento, hospedagem, alimentação e entretenimento, convidando-o a desfrutar daquilo de que goste ou necessite ("faça de conta que está em sua casa"), organizando o espaço destinado a este encontro, mas, ao mesmo tempo, vigiando-o. O visitante, por sua vez, deve honrar seu anfitrião com palavras e presentes, sempre tendo consciência do espaço que lhe é reservado e fora do qual todo uso e movimento necessitam de permissão. Ao mesmo tempo, ambos devem estar atentos aos riscos envolvidos. Para o anfitrião, os riscos são os da intrusão, do parasitismo, quando não das simples inconveniências dos seus hóspedes. Para estes, os riscos são o de ter pela frente um anfitrião inospitaleiro, desconhecedor das regras do acolhimento, ou que abusa do direito sobre o espaço, até mesmo sufocando o hóspede de gentilezas.

A essas autênticas leis da hospitalidade, somam-se outras vinculadas à noção de dádiva (MAUSS, 1974), já que o acolhimento de outrem é em si uma dádiva e desencadeia contradádivas, num processo que se quer infinito. O dar-receber-retribuir surge como um novo imperativo. Por fim, essas dádivas e contradádivas não devem ter um sentido utilitário no sentido de instrumentalizadas para outros fins ou mesmo monetizadas. O estatuto da dádiva também remete à noção de assimetria, com o protagonismo do anfitrião sobre o hóspede, que se inverte numa nova cena hospitaleira ("na próxima vez o encontro será em minha casa"). Tudo se passa como se anfitrião e hóspede andassem numa corda bamba dentro da cena hospitaleira, na qual toda hesitação ou deslize, qualquer mau desempenho acarretasse a emergência do oposto da hospitalidade, a hostilidade ou a inospitalidade. Quanto mais estranho é o *hôte*⁵, mas se faz necessário recorrer a atos e atitudes nas quais prevalecem formas que se entendem mais adequadas para o ritual em curso.

5 Palavra francesa aqui utilizada porque denomina ao mesmo tempo o anfitrião e o hóspede.



Esse ritual varia do mais formal, nas relações mais impessoais, quando a etiqueta assume toda a sua concretude como cena e traveste-se do mais formal, em regras de urbanidade, de polidez, ou de (boa) educação simplesmente, ao mais informal, nas relações marcadas pela intimidade, quando, como se diz, não há etiqueta, no sentido de que as leis da hospitalidade podem prescindir de gestos encenados.

ETIQUETA

Entre os estudiosos dos rituais, merece aqui destaque o sociólogo Claude Rivière e seu estudo sobre os ritos profanos, nos quais se incluem as cenas hospitaleiras em geral. Com efeito, corporeidades em presença exigem a mediação do ritual em todas as circunstâncias, inclusive, acrescentando-se, nas cenas de hospitalidade, mesmo as mais informais e corriqueiras. Mas do ancestral ritual político dos reis e ritual sagrado das religiões ao ritual cotidiano de hoje, algumas diferenças devem ser demarcadas.

Ao longo da Antiguidade e da Idade Média, a etiqueta acontecia na forma de cerimonial que, desde épocas mais ancestrais, presidia aos eventos emanados dos poderes políticos e religiosos, quase sempre irmanados, tanto mais longos, suntuosos e solenes quanto mais se quisesse evidenciar a força desses poderes. Todavia, como prática socialmente produzida, a etiqueta não está imune aos movimentos mais subterrâneos da sociedade. Assim, com a urbanização acontecida na nascente Modernidade europeia, os rurais que emigravam para as cidades passaram a ter a necessidade de adotar modelos de comportamento *civilizado* (da vida na cidade), de urbanidade, de trato social. Da repressão ao gesto espontâneo rural nasce a etiqueta, que doravante modela os comportamentos em sociedade no visitar, no acolher tanto em casa como em todos os espaços urbanos.

Esse momento da história foi estudado por Elias (1994), que destaca longamente o significado do processo civilizador como repressão da espontaneidade. Esta é mais uma dimensão teórica do estudo da etiqueta, do saber portar-se, do comportar-se, do “ser bem-educado”, do não fazer o que se quer e sim o que a ocasião determina. Este novo conceito de modelo de vida social teve impacto direto na arquitetura das casas, notadamente com a introdução do “*sallon*” no século XVIII, hoje a sala de visitas, das áreas sociais e íntimas da casa, tudo mediado por uma série de gestos e palavras em que se filia a moderna etiqueta. Esta referência às antigas práticas cerimoniais da realeza inspirando as recomendações que surgiram no início da Modernidade estudadas por Elias transparece nos estudos ainda recentes sobre o tema, acompanhando o interesse crescente pela história da vida cotidiana.

Figueiredo (2007) aborda a etiqueta do ponto de vista da hospitalidade, quando os indivíduos buscam, por meio de gestos, modos de falar, atitudes, apresentação, visual adequado e seu significado mais profundo demonstrado pelo grau de cortesia e humanidade. Pereira (2003), em seu estudo antropológico sobre cursos de etiqueta em São Paulo, mostra, logo na abertura de seu estudo, a etiqueta como busca de refinamento, de um comportamento que se tem como típico de estratos sociais superiores.

A etiqueta tem sido difundida como se ela fosse um instrumental útil para “normatizar ou uniformizar” comportamentos em grupos sociais diferenciados engendrando pares de oposições do tipo “elegante/deselegante”, “certo/errado”, “masculino/feminino”, “chic/brega”, “grosseiro/polido”. [...] Para aqueles que a escolhem como aprendizado e prática, a etiqueta significa ou comunica algo. (PEREIRA, 2003, p.1).

Frasson (1998, s/p) vê a etiqueta tendo

(...) como principal estrutura de organização o cerimonial do palácio, através do qual o rei podia controlar as emoções, tensões e estabelecer os valores de prestígio hierarquizado na corte, fazendo crescer a interdependência entre o rei e os nobres.

Ruiz (2000) analisa a elite paulistana na passagem do século XIX para o século XX, face aos novos ares da vida urbana moderna que nascia em São Paulo. Deixando de residir nas fazendas, eles vêm à cidade e criam espaços de sociabilidade que os distinguissem das demais classes socioeconômicas, inclusive dos novos-ricos. No mesmo diapasão (Pilla, 2004, p.13), analisa o perfil dos membros dessa elite. Analisando a etiqueta das elites desde o final dos anos 1800 até 1970, lembra, citando Rainho (2002), que o poder dessas elites não reside

[...] posse da riqueza, o acesso ao consumo de determinados bens ou exercício do poder, e determinados bens ou exercício do poder, sendo preciso também se destacar pelo requinte das maneiras, pelo polimento dos costumes e, especialmente, pela maneira de apresentar-se socialmente. (p.13).

É natural que o estudo da etiqueta, principalmente na abordagem das duas últimas pesquisas, centre-se na relação entre as práticas cerimoniais e as estruturas de poder em todos os âmbitos da sociedade. Mas se deve ressaltar que há uma nova etiqueta em curso, que não se aceita como tal e que amenizou em muito a repressão da antiga, propondo uma informalidade e espontaneidade ausentes nos modelos estudados.

Uma hipótese deste estudo é que o marco para a mudança pode ser um fato a que não se dá a devida importância: a emergência da juventude como idade socialmente reconhecida na metade do século XX, depois da Segunda Guerra Mundial e que alterou não apenas a moda-vestuário (principalmente com o advento dos *jeans*), como a música popular urbana (com o advento do *rock*) e as demais instâncias da sociedade, como se tentará esclarecer em seguida.

A rebeldia dos jovens é um traço constante da História e, segundo Konrad Lorenz (1973), o criador da etologia, a juventude como desencadeadora do conflito de gerações, é um fenômeno que transcende a cultura, inscrevendo-se mesmo na natureza biológica dos indivíduos. Para ele, sem esse conflito, a cultura perderia seu principal elemento de transformação ao longo dos tempos.

As tentativas dos jovens de impor-se na sociedade aconteceram em vários momentos da história, dos quais ao menos dois devem ser lembrados:



O movimento dos goliardos⁶ na França do século XIII, de estudantes e clérigos pobres, que deixou marcas significativas na História, como o dos trovadores e o mito do amor romântico; e outro movimento, bem mais recente, O movimento *wanderwogel*⁷ do final do século XIX, na Alemanha - jovens alemães que, sem nenhuma motivação e mesmo sem nenhum sinal prévio, fugiam de casa em protesto contra a organização do trabalho industrial, a pedagogia punitiva das escolas e a rígida estrutura familiar e lançavam-se nas estradas, sem destino – e que teve como desdobramento a criação dos Albergues da Juventude. Estes movimentos não conseguiram impor seus valores à sociedade, mas, após a década de 1950, os jovens não apenas o conseguiram como se transformaram em modelos para todas as idades. Os “beatniks”, o festival de Woodstock, os movimentos de maio de 1968 em várias cidades do mundo, entre outros eventos, estão na origem de uma inversão de valores que pode ser considerada original na história e que pode ser ilustrada em diferentes instâncias da vida social. Como bem lembrado por Riesman (1995), o jovem urbano trocou a bússola da tradição pelo radar em busca dos afins.

A primeira mudança a ser lembrada é que a idade deixou de ser um critério de sabedoria, de correção. Ser jovem passou a ser um valor desejável em si. O jeito jovem de se vestir passou a ser parâmetro e inspiração para todas as demais idades. Em segundo lugar, hoje, o ser jovem, o mostrar-se jovial é a postura vencedora na sociedade e ideal para políticos, empresários e até clérigos. No que interessa a esta reflexão, deve-se mostrar que ser jovem significa também dar preferência a comportamentos genuínos, transparentes, em lugar da hipocrisia antiga, fustigando e abandonando rituais que não lhes pareciam fazer sentido. Como ressaltam Riesman (1995) e Dumazedier (1995), essa nova postura é determinante no que se pode chamar de democratização das relações de poder nos diferentes âmbitos da sociedade (sociofamiliar, socioespiritual, sociopolítico), quando se passa a valorizar mais a espontaneidade, o arejamento dos vínculos, no lugar das antigas relações interpessoais rígidas marcadas pelo signo do poder nessas instâncias da vida social.

Riesman (1995) mostrou como os indivíduos modernos alterdirigidos substituíram a referência identitária da família pela dos *peer-groups* (os grupos de iguais), sempre fugindo da reprodução das antigas regras às quais até então estavam presos. Dumazedier (1995) acentua que a dinâmica do lazer interfere significativamente na dinâmica sociofamiliar, socioprofissional, socioespiritual, quando os jovens lutam para impor na vida familiar, profissional e religiosa os

6 Assim designados estudantes e clérigos pobres dotados de espírito transgressivo, provocador e contestadores que, a partir do século XIII, na França, perambulavam pelas tavernas e pelos lugares públicos, cantando e declamando poemas satíricos, exaltando o sexo e o vinho. Alguns desses poemas foram resgatados por Carl Orff na sua obra *Carmina Burana*.

7 Tradução: pássaros migratórios ou errantes. Movimento espontâneo surgido na Alemanha, no final do século XIX, constituído por jovens que recusavam o sistema de trabalho industrial e as rígidas disciplinas familiar e escolar. Pregavam a volta à natureza e o amor livre. As poucas referências existentes em português estão na Internet, podendo-se, para maiores informações, pode-se consultar o site <http://redeglobo.globo.com/globociencia/noticia/2011/10/wandervogel-movimento-jovem-alemao-pregava-retorno-natureza.html>, que coloca Herbert Marcuse como um dos pioneiros que abandonou o movimento, quando surgiram divisões que corromperam os objetivos iniciais, inclusive aderindo a ideias nazistas, mas a experiência certamente inspirou sua obra *Eros e civilização*.

mesmos valores que vivem na relação aos amigos, com os iguais. Autenticidade, gratuidade e espontaneidade foram valores que se impuseram diante do formalismo ancestral. Por que usar o formal *senhor* em vez do coloquial e afável *você* na relação com os pais? Os filhos percebem e usam o poder que adquirem. Não são os mais os que se amontoavam em meio à irmandade numerosa mais os parentes próximos. Não são mais supérfluos. Agora são raros. De supérfluos eles passam a ser indispensáveis. Os pais não têm como deixar de levar suas opiniões em conta. O choque de gerações agora é visível. Com isso, as transformações culturais aceleraram-se. Até mesmo os conservadores cultos católicos passaram a lançar mão de música e dança (a aeróbica do Senhor) e as chefias de trabalho passaram a orgulhar-se de ter equipes que atuavam como equipes de futebol.

Que balanço pode ser feito da oposição entre os dois modelos de etiqueta que surgem no bojo destas transformações da sociedade? O campo de análise deste estudo se restringirá aqui ao estudo de dois modelos em busca de expressões denotadoras seja da etiqueta marcada pela busca do refinamento, da distinção social, seja marcada pela hospitalidade genuína.

RESULTADOS

Marcelino de Carvalho sugere em seu livro os comportamentos necessários para a pessoa, em particular o jovem, que busca ascensão social, que quer mostrar-se à altura dos estratos superiores da sociedade nos quais quer inserir-se, com os quais quer identificar-se e para tanto necessita do conhecimento, vale dizer, da etiqueta para o "parecer". Em alguns momentos, parece uma ilustração contemporânea do consumidor conspícuo dos endinheirados americanos do fim do século XIX.

Seu livro dirige-se a "um grupo de rapazes de 20 anos, todos bem-nascidos e educados (que me pediram que) lhes diga o que (se) deve fazer para conseguir posição destacada em nossa sociedade" (p.21). Já na apresentação, ele adota o dicionário de Oxford para definir o termo *snob*:

(...) uma pessoa do sexo (sobretudo do sexo masculino) que professa um respeito exagerado pela situação social ou pela fortuna alheia e tem profundos preconceitos para com as amizades ou relações que mantêm com gente da classe média, reverenciando exageradamente as figuras de nível social superior, julgando-as – o mais das vezes – pela simples aparência. (CARVALHO, 1964, p.7)⁸.

Reverenciar é, no caso, uma fórmula complicada. Trata-se de traduzir sob fórmulas sobretudo não verbais e combinar certas doses de interesse e de tédio, sempre para mostrar ao outro que ele, de certa forma, faz um favor de estar ali. O hóspede inverte a lei da hospitalidade segundo a qual ele deve homenagear seu hóspede. Não deve ter pudor de exibir riqueza, ainda que deva fazê-lo de forma camuflada e indireta.

8 Para distinguir das citações dos livros do referencial teórico (com recuo) das citações dos livros-objeto da reflexão, estas serão escritas em itálico e entre aspas, sem recuo.



Não há necessidade de alguém se gabar de ter um Portinari em sua casa, bastando dizer, com o ar mais descuidado do mundo, que viu uma tela do artista por vinte milhões, quando a dele é da fase mais feliz do pintor. Todos ficam sabendo que quem fala tem um Portinari e que a tela vale muito mais do que os vinte milhões citados. (CARVALHO, 1964, p.7)

O vestuário, a mais epidérmica das categorias da comunicação não verbal e, portanto, das aparências, é um dos objetos de suas recomendações. Obliquamente, mostra, também, como os estratos superiores valorizam a aparência.

Quando se sai bem vestido, quando a lista da calça cai reta e a gravata cai bem dentro do colarinho, tem-se a firmeza para o sucesso. (...) Lambujem invencível. Já alguém disse, um dia, que não devemos deixar aos imbecis sequer o direito de se vestirem melhor do que nós. (CARVALHO, 1964, p.23).

Note-se bem: o objetivo não é homenagear o seu anfitrião, vestindo-se adequadamente para ser recebido de forma a mostrar-se à altura da importância do evento e sim de impressionar, de mostrar-se membro de um grupo com o objetivo de distinguir-se das camadas inferiores da sociedade.

[...] um homem moderno que quer se fazer notar nunca deve aparecer com smoking ou casaca saída do alfaiate. Ou o empresta ao empregado para ele “quebrar” o traje ou sai com ele numa noite de chuva, podendo até tomar banho de mar vestido, se houver gente perto para contar a façanha. O traje de rigor ou meio rigor saído do forno é próprio de um maître-d'hôtel ou um crooner de orquestra de jazz. De um gentleman, nunca. (CARVALHO, 1964, p.8).

Na verdade, certas recomendações beiram o anedótico do arrivista, ou (por que não?) de suas estratégias de sobrevivência. É difícil não ver nele o pícaro ou o malandro de Antônio Cândido (1978).

Um rapaz de 20 anos precisa ter seu criado de quarto. Precisa ter, é fôrça de expressão. O essencial é dizer que tem. [...] Se não tiver, ele deverá ser mais alinhado ainda. Terá uns cinquenta anos. Cara raspada. Escocês. Cabelo grisalho. Magro. Deve fumar os cigarros do rapaz e beber do seu whisky. [...] E todos acreditam. Por ingenuidade ou comodidade. Não importa. O principal é que acreditem. (CARVALHO, 1964, p. 67).

Por outro lado, Leão (1992) sugere uma conduta valorizando e defendendo o estar-bem nas relações mais do que qualquer procedimento apenas tido como civilizado. A autora esclarece alguns procedimentos e comportamentos diante de certas situações utilizando a presença de espírito e o bom senso. Logo de início, ela esclarece:

Se você acha que este livro é um tratado sobre etiqueta, errou (...). Este livro é resultado de como eu vejo certos procedimentos, como me parece que nós devemos nos comportar diante de certas situações, as tradicionais e as mais insólitas, com presença de espírito e bom senso. (CARVALHO, 1964, p.11).

Pode-se dizer assim que o manual de Leão (1992) é um retrato dessa nova sociabilidade que privilegia o sentir-se à vontade e na qual a flexibilidade é um ingrediente indispensável às relações harmônicas.

Se na sua casa existir um único banheiro, no dia de receber os amigos elimine qualquer vestígio dos objetos de uso estritamente pessoal. Escova de dentes, desodorante, creminhos, gilete, tudo isso sai fora e dá lugar a um jarrinho com flores, que tal? E não se esqueça de trocar o sabonete por um novo. (LEÃO, 1992, p. 123).

Não se trata de uma etiqueta de endinheirados. Com suas recomendações, Leão pretende apenas

(...) facilitar a vida de uma tribo que trabalha, tem dinheiro, mas não muito, deseja saber das coisas, mas não tem paciência para decorar regras, gente que divide contas em restaurantes e que quando vai passar o fim de semana em casa de amigos, combinam “cada um leva o quê”. (LEÃO, 1992, p. 12).

Após a exposição da etiqueta sob o prisma da distinção e da expressão identitária, passar-se-á à ilustração dos preceitos de ambos dentro das categorias de análise escolhidas.

RECEBER E SER RECEBIDO

Sintomaticamente, Carvalho nada fala sobre receber e hospedar outrem. Sua filosofia utilitarista não esconde a verdadeira motivação da vida social, não a sociabilidade, mas o parasitismo, o levar vantagem: “na vida social, o essencial não é dar. É receber” (CARVALHO, 1964, p. 27). O dever ancestral de o hóspede agradecer e retribuir é deixado de lado. Para ele, os hóspedes

(...) julgam-se na obrigação de ser gratos com o convite que lhes é feito. Erro. Ele vai completar um ambiente que ficaria manco sem a sua presença. (...). É como se faltasse o cocktail, o molho da salada ou o charuto depois do café. É bom notar que quem faz um convite é porque precisa de companhia, sem a qual morreria de tédio. (CARVALHO, 1964, p.74)

Ou seja: já esta primeira observação é chocante. Em vez do dar, premissa da hospitalidade, o que importa é receber. Retribuir? Evite-se. O jovem a quem Carvalho se dirige é apenas hóspede. Encarna duas figuras da inospitalidade: a do intruso, vulgarmente conhecido como alpinista social, que se esgueira pelas brechas das trincheiras montadas pelo anfitrião, com o objetivo de mostrar-se um igual, e a do parasita, que apenas desfruta dos



outros (ROMAN; TOMICHE, 2011, p.837). E quais são as regras para o ser bem recebido? Para Carvalho, reconhece-se logo de início o moço de “classe” (ou que assim quer parecer) pela capacidade de agradar.

O primeiro requisito de sucesso social é agradar. Agradar é a maior qualidade que pode ter um homem. Mais do que inteligência, a beleza física ou a bondade de coração. Há pessoas que agradam sem saber porque. Virtude inata. Inconsciente. Tudo que fazem produz esse efeito. Mesmo que seja feito com objetivo contrário. (CARVALHO, 1994, p. 23).

O caráter utilitário da etiqueta proposta por Carvalho pode ter como uma evidência o fato de ele apenas analisar o ser recebido e não o receber. Mas continua ainda a frequentar cursos e livros voltados à etiqueta como refinamento.

Pode-se dizer que este modelo de etiqueta é ultrapassado, como bem notou anteriormente Leão. Assim, sua opinião vai no sentido contrário, valorizando a expressão identitária aqui conceituada, afirmando que “quando você chega a uma casa, bar ou restaurante e encontra um grupo já instalado, não é preciso estender a mão ou beijar cada um. Dê um alô geral, e tudo bem” (LEÃO, 1992, p.45).

Essa etiqueta mais informal estende-se a outros detalhes: “Um homem sempre se levanta para ser apresentado a uma mulher ou a um homem mais velho. Mas em restaurantes, bares e discotecas, ficam liberados do gesto – devido à falta de espaço -, bastando dizer “Desculpe, não dá para levantar”. (LEÃO, 1992, p. 45 e 46). As regras formais da antiga etiqueta apenas se justificam por motivos práticos, se os houver, para esse estar-bem não causar constrangimento de parte a parte.

Quando se manda um convite com as letras RSVP (Repondez, s'il vous plaît: responda, por favor), espera-se a resposta com certa rapidez. Ajuda quem está convidando na previsão da bebida, comida, garçons. Sem contar que, se receber 20 respostas negativas, são mais 20 pessoas que poderão ser convidadas. (LEÃO, 1992, p. 125/126).

HOSPEDAR E SER HOSPEDADO

Carvalho (1964) não aborda o indivíduo hospedando e sendo hospedado e por isso mesmo não traz recomendações específicas. Ele não avança os motivos dessa lacuna, mas bem se pode levantar a hipótese de que cumpre evitar certos hábitos que podem perturbar a cena hospitaleira. Hospedar-se em casa de outrem implica numa intimidade que o alpinista social deve evitar.

Já Leão (1992) incorpora o fato em suas preocupações e as suas orientações mostram-se mais adequadas às leis da hospitalidade humana. Para ela, o anfitrião deve ter seus cuidados: “Quando você hospeda alguém, deve tratá-lo como um rei. Se maltratado, um hóspede se sente o mais miserável dos

seres humanos. E não vai saber como agir. Se faz as malas e vai para um hotel, é a ruptura. Se fica, sente o clima tenso, pesado” (LEÃO, 1992, p. 105-106). Se você não está contente com seu hóspede, “mantenha o sangue frio. Controle-se e que o clima fique ameno e civilizado até o momento de deixá-lo no aeroporto. Aí você pode pensar fundo e pensar: nunca mais. E, para sua tranquilidade: sendo pessoa sensível, seu hóspede provavelmente estará, no mesmo momento, pensando também, nunca mais” (LEÃO, 1992, p.106).

Outras recomendações de Leão (1992, p.106-107): “dê a chave da casa para seu hóspede”; “diga a hora em que você costuma almoçar e jantar”; “pergunte se ele costuma tomar café da manhã e providencie”. Hoje, acrescentar-se-ia outro detalhe importante: a senha do *wi-fi* doméstico. Esses cuidados com o hóspede implicam em fazê-lo sentir-se “dono da casa”, com todas as reticências implícitas nessa expressão. De um lado, há o cuidado em evitar que ele sinta o anfitrião como uma espécie de sequestrador que controla todos os seus atos. Dar-lhe as chaves da casa bem pode ser uma medida hospitaleira. Mas outros cuidados também são importantes:

Caso o banheiro seja de uso comum, coloque no quarto uma toalha de banho e uma de rosto. E troque pelo menos a cada dois dias. [...] Na hora das despedidas, juras de amor, volte sempre etc., mesmo que seja tudo mentira. Que seu hóspede fique com a sensação de ser querido – amado. Tão boa, essa sensação. (LEÃO, 1992, p. 107).

Contudo, o anfitrião continua dono do espaço e deve introduzir o hóspede nas rotinas da casa, inclusive a hora em que costuma almoçar, jantar, utilizar equipamentos, etc. (LEÃO, 1992, p.106). O hóspede deve homenagear o seu anfitrião, respeitar a sua condição de dono do espaço, retribuir sua dádiva: esta lei da hospitalidade está clara em Leão. Eis as suas recomendações (1992, p. 103) para o estar-bem na cena: “A primeira coisa que o hóspede deve deixar claro é até quando vai ficar. Esse detalhe deve ser esclarecido antes da chegada, de preferência. Se você, ao se hospedar, pretende estender a permanência, pergunte se não vai causar transtorno”. A gangorra da hospitalidade é difícil também para o hóspede. Conforme exemplifica Leão (1992, p. 104), “tenha um comportamento discreto enquanto hóspede. Nada de tentar criar um clima festivo o tempo todo. Lembre-se de que você está de férias e que as pessoas têm uma rotina de vida”. Há muitas formas de retribuir a dádiva da hospitalidade do anfitrião e de evitar a pecha de parasita. Nada mais razoável assim que o hóspede “de vez em quando convide quem hospeda para jantar fora, seu anfitrião vai gostar (e ao final da temporada) escreva ou telefone dizendo o quanto adorou, agradecendo, etc. E também para oferecer a sua casa” (LEÃO, 1992, p. 105).

ALIMENTAR E SER ALIMENTADO

É neste capítulo que as diferenças entre as duas éticas da hospitalidade mais se confrontam. O alimento está presente em todos os tempos da hospitalidade



humana, não apenas na mesma como na forma cotidiana de receber, de hospedar. Pode-se mesmo dizer que alimento/bebida largamente confundem-se com o entreter e ser entretido.

O parecer de Carvalho (1964) mais uma vez é anedótico:

Se você foi convidado para uma recepção e, ao chegar, encontra todos bebendo o mais glamoroso dos champanhes, o Don Perignon, faça força, sirva-se logo de uma boa dose de whisky, olhe com nojo para o balde de gelo e diga: eu tomava banho com isso quando bebê. (CARVALHO, 1964, p.51).

O moço que quer parecer refinado deve ter outros cuidados:

Há duas categorias de comidas. As que se comem e as que a gente diz que come. Exemplos da primeira: arroz com feijão, bife com batatas, paçoca com banana. Exemplos da segunda: Truffles au champagne, poulet Davidof, caneton farci au Madère [... Aliás] para passar por fino entendedor de cozinha, é muito mais precioso um bom vocabulário do que um bom paladar. (CARVALHO, 1964, p. 57).

A expressão a seguir justifica até mesmo a hipótese de o autor estar contaminado de um preconceito de gênero, quando não de uma misoginia pura e simples:

Os verdadeiros gastrônomos foram sempre de opinião que só é possível apreciar bons pratos em companhia exclusivamente masculina. As mulheres nunca se sentaram em mesas, onde a divisa é comer bem. [...] Depois seria impossível ser galante ao mesmo tempo com uma mulher e uma perdiz. E é preciso tratar com aprimorada galanteria uma perdiz. (CARVALHO, 1964, p. 61).

Já as recomendações de Leão (1992) parecem mais próximas da hospitalidade, no sentido da busca de um convívio harmonioso. Tanto para o anfitrião:

Sirva o primeiro drinque, mostre onde estão as bebidas e previna com charme que você só serve o primeiro. A partir daí, cada um por si. [...]. "Evite flores perfumadas, ou você já sabe o que fica parecendo. [...] Não fique limpando cinzeiros, pondo guardanapinhos debaixo dos copos para proteger a mesa. Ajoelhou, tem que rezar. E por falar em cinzeiros, que sejam muitos e enormes – dedal é para costurar. (LEÃO, 1992, p. 119).

Como para o hóspede: "Pessoas são convidadas não para serem alimentadas, mas para contribuir de alguma maneira com o sucesso da reunião. Com seu charme, sua beleza, sua inteligência, sua capacidade de serem divertidas. Faça sua parte com brilho" (LEÃO, 1992, p. 114).

Quanto se come também é algo com que as pessoas devem se preocupar: "menos costuma ser mais em festas ou jantares. Comer de menos.

Seguindo essa orientação você jamais terá motivos para se arrepender" (LEÃO, 1992, p. 116).

ENTRETER E SER ENTRETIDO

Há muitas formas de entreter um hóspede. Convidar pessoas famosas, ou que estão na mídia é hoje um dos principais recursos, quase sempre com um bom cachê. Os *promoters* de grandes festas usam desse recurso. Para quem está hospedado em casa, Leão recomenda ainda que "se pergunte se ele gostaria de conhecer ou visitar algum lugar especial da cidade". Mas este é basicamente o domínio da conversação, ponto em que os dois autores estão relativamente concordes no que se refere à manutenção de uma conversa leve quando não há intimidade entre os convivas. Leão (1992, p.19) diz que

(...) a primeira regra de um bom causeur⁹ é ouvir (...) se você não domina o assunto que está sendo discutido, ouça com atenção, faça perguntas. Pode ser uma bela maneira de ampliar seus conhecimentos. (...) Seja atento, curioso, interessado. Nada pior do que um ouvinte distraído. Faça como Jô Soares quando está entrevistando. Com efeito, aqui as recomendações de ambos seguem na mesma direção.

Para ela, mostrar-se o perito num assunto, sem ser para isso estimulado pelos convivas e, mesmo assim, com cuidado. O mesmo vale para conversas sobre negócios:

Exibir erudição é antipático. Se você for mesmo muito culto, finja ser apenas médio. Seja modesto. (...) Evite falar de negócios em festas, apesar dessas ocasiões serem ideais para fazer contatos. Se for o caso, marque um novo encontro para prosseguir o business iniciado. Médicos em festas costumam gerar uma roda de hipocondríacos. Não aproveite o encontro casual para uma pequena consulta. Receita infalível, se você for médico: com a cara mais séria, diga: dispa-se. (LEÃO, 1992, p.19-20).

Da mesma forma, deve-se evitar o que ela chama de *dropping names* (jogar nomes na conversa para mostrar intimidade com notáveis). Segundo ela, "querem mostrar uma intimidade que não têm com os poderosos do mundo" (p.20). Da mesma forma, recomenda evitar expressões em outras línguas, falar de seus sucessos com quem está em má fase ou desempregado, sobre seu novo e estonteante par amoroso com quem está sozinho. A conversação é um dos principais capítulos do estudo da hospitalidade. Pode-se dizer que os cuidados para uma boa conversação se assemelham aos cuidados com que se acende um braseiro (da lareira ou da churrasqueira). O objetivo é criar um calor que não desande em labareda. Na conversa, é o que acontece no domínio da fofoca.

Pintou baixaria e começaram a falar da vida dos outros. Mal, naturalmente! Procure não contribuir para que o assunto floresça.

9 Tradução: pessoa versada na técnica da conversação.



Mas como ninguém é Madre Tereza de Calcutá, pode ser que você tenha uma novidade daquelas, irresistíveis. Mesmo assim, lembre-se: um fato comentado entre duas pessoas é uma coisa, mas numa roda tem peso bem maior, é bem mais grave. (CARVALHO, 1964, p.21).

A mesma recomendação vale para os palavrões:

Há quem tenha o dom de dizê-los e parecer que estão falando de flores, enquanto em certas bocas viram palavras de baixo calão mesmo. Se você não sabe em que categoria se encaixa, melhor não arriscar. Mas, por outro lado, se vai contar uma história e sentiu que, exagerando, fica melhor? Vá em frente, sem o menor pudor. (CARVALHO, 1964, p.21).

Para Carvalho, a discrição na conversação também é um valor:

Um rapaz que pretende vencer socialmente deve ser discreto. Primeiro, por uma questão de defesa. Pode-se não pagar uma dívida. O credor que aja. Mas a língua paga-se sempre. Depois, por galanteria. (...). Uma pessoa que vê e não conta o que viu, torna-se cúmplice. E a cumplicidade é sempre picante e divertida. (CARVALHO, 1964, p.27).

Como Carvalho se preocupa apenas com o rapaz interessado em subir socialmente, o parecer em vez do ser aparece também aqui (CARVALHO, 1964, p. 41):

[...] nunca ser absolutamente sincero. A sinceridade é um mau hábito. Tão grande quanto a indiscrição. Ser sincero é ser indiscreto. Quem não é capaz de guardar uma opinião pessoal sobre um fato qualquer, não será capaz de conservar um segredo alheio. É preciso temer os sinceros.

Na vida social, segundo Carvalho, a sabedoria é maçante. “É contraproducente acúmulo de conhecimentos profundos sobre uma matéria qualquer (...) O essencial é não passar por ignorante” (p.31). E continua: “Um rapaz, para frequentar a sociedade, precisa ter noções de geografia. [...] É muito mais importante em geografia social saber-se que a Place Vendôme une a Rua Castigione à Rua de la Paix do que a certeza de que Tóquio é a capital do Japão” (CARVALHO, 1964, p. 35). Ele também recomenda o mesmo cuidado com a fofoca, mas, uma vez mais, a preocupação não é com o estar-bem das pessoas, já que tem um sentido utilitário: “repetir um potin¹⁰ que todos sabem é desenxabido. Revelá-lo, quando só a gente é possuidora do segredo, é dar aos outros um pouco de si” (CARVALHO, 1964, p.27).

Naturalmente, esse estilo de etiqueta do Antigo Regime é também cioso das diferenças de classe social e traz subentendida a confusão entre o servir e ser servil, o que, na conversação, pode aparecer de diversas formas:

10 Fofoca (tradução livre do autor).

Os criados representam um papel importante na vida social. Quando se está em companhia de outros convidados nada que dê mais idéia de intimidade no ambiente do que chamar os criados pelo nome. [...] Além disso, é preciso arranjar um jeito para que eles nos chamem pelo nome. Esse snobismo deve-se estender também aos criados de restaurantes. (CARVALHO, 1964, p.63).

DISCUSSÃO

Marcelino de Carvalho, sob o disfarce de ensinar a boa etiqueta traz, na verdade, uma manifestação de esnobismo. Até mesmo ao usar o termo com base na raiz inglesa mostra sua intenção de oferecer um manual para orientação do jovem que quer ascender às altas rodas da sociedade. Ele repetirá mais de uma vez: o importante não é ser, é parecer e aparecer.

Leão, por seu lado, nem usa a palavra etiqueta. Na verdade, repudia o uso da palavra já na introdução. Suas dicas vão até o limite do que existe de mais informal e espontâneo antes do constrangimento daquilo que limita o estar-bem. O próprio título introduz uma ideia de conversa informal numa sala, em que as ideias vêm e vão. Mesmo ao leitor distraído, o manual de Carvalho parece uma reminiscência já perdida no tempo, enquanto que o segundo, de Leão, parece mais adequado aos tempos atuais. Em resumo: o modelo de Carvalho é herdeiro da dupla influência sobre a etiqueta a que se referiu aqui mais acima: aos ditames do cerimonial da realeza e aos primeiros manuais de bem-vestir, de bem conversar, de bem receber, de bem-estar à mesa, surgidos nos séculos XV e XVI, sistematizados por Elias (1993). Como este bem notou, havia uma dupla ideologia embutida nesses manuais: de um lado, a necessidade de familiarizar a massa de migrantes da zona rural que provocavam um processo de urbanização crescente e necessidade de dotá-los de novos hábitos de convivência, já que os medievais, a partir de então, eram inviáveis do ponto de vista da sociabilidade cotidiana na cidade moderna; de outro, *distinguir* o cidadão, o incluído, dos incivilizados que chegavam às cidades, os excluídos. Esta é a ética embutida na obra de Carvalho.

O pensamento de Leão, ao contrário, é mais próximo da ética da hospitalidade, na medida em que valoriza o vínculo humano, mais do que a aparência que distingue. Ser/estar-bem-junto-com, glosando uma fórmula de Michel Maffesoli, para o que ele chama de socialidade (a essência do social) humana, é um caminho ético mais valorizado pela autora. É importante notar que os dois livros não são inteiramente simétricos. Enquanto Leão acentua o papel do anfitrião, aquele que oferece hospitalidade, mas trazendo recomendações para o hóspede, o que recebe, Carvalho concentra-se no hóspede. Tudo se passa para ele, como se, no dicionário do "parecer", a obrigação ritual de retribuição da dádiva não merecesse crédito e o parasitismo não fosse condenável na ética da hospitalidade. Seu hóspede apenas recebe e o que ele pode oferecer só pode ler lido nas entrelinhas do texto.



Nem tudo, porém, se esgota numa oposição claro-escuro. Carvalho, em certos momentos, parece mais interessado na virtude humana do que na aparência, como quando fala do ócio (p.118-119). Ainda que o gosto pelo tema seja emblemático como retrato do consumidor conspícuo de Veblen, é interessante notar que ele acompanha e cita o filósofo católico Joseph Pieper (1969), no seu elogio ao lazer (1969) como instância privilegiada na existência. Leão, por outro lado, beira o mundanismo e a futilidade até agora mostrada em Carvalho nas suas recomendações para as festas de convidar celebridades (p.111-132) para lustrar o evento. Pode-se, é claro, dizer que Carvalho valoriza o ócio na sua dimensão mais espúria, que é o direito de não trabalhar como diferença em relação à classe trabalhadora e que Leão apenas pensa no maior prazer dos hóspedes da festa.

Essa ambiguidade, porém, somente mostra a complexidade da cena hospitaleira. Como ressaltado anteriormente, tal como numa peça de teatro, elementos da comunicação verbal e não verbal se fazem presentes numa sintaxe que não raro foge às intenções dos atores e podem comprometer o resultado da cena. Por esse motivo, também, os estudiosos de hospitalidade evitam analisar cenas “ao vivo” e preferem analisar a hospitalidade em romances, contos e filmes, já que o autor se encarrega de resolver as ambiguidades da cena. É importante também mostrar que, em ambos, surge a noção da hospitalidade como suspensão e não eliminação da hostilidade. As fórmulas de acolhimento expressas singelamente num “bom dia”, “boa noite” “até logo” não têm força para eliminar a agressividade humana, mas certamente são capazes de suspendê-la, ao menos até que um novo fato intervenha.

A presente pesquisa pode parecer uma comparação entre um modelo do passado, já em desuso, e outro mais atual, em uso. Na verdade, ambos coexistem ao sabor das circunstâncias. Nem mesmo que são inteiramente opostos. Na verdade, glosando Garcia-Canclini (1998) sobre a América Latina, quando diz que o tradicional ainda não desapareceu e o moderno ainda não chegou completamente, pode-se dizer que a etiqueta aristocrática de Carvalho ainda não desapareceu (assim como a sociedade de classes) e uma etiqueta do estar-bem ainda não se implantou inteiramente mesmo nas metrópoles brasileiras. Basta mencionar o desconforto com o horário (ou com a falta de significado do horário) tanto da parte de anfitriões como de hóspedes. Até mesmo já existem modelos de festas, na base do “chegue quando puder”. Na verdade, como teatral, a cena hospitaleira é uma cena de exibição de parte a parte, do anfitrião e do hóspede. É difícil, assim, observar os dois modelos aqui trazidos na sua expressão mais genuína. Nunca é demais mostrar que, nessa cena, comunicação verbal e não verbal são elementos sempre presentes, sempre, mais ou menos ambíguos e, por isso, difíceis de serem interpretados. Assim, intenções e resultados nem sempre combinam. As melhores intenções podem, assim, levar a resultados opostos. A razão pela qual as cenas de hospitalidade analisadas são extraídas da ficção literária ou cinematográfica vem do fato de que os autores das histórias são de alguma

forma obrigados a trazer as reações epidérmicas dos atores, análise difícil de ser feita sobre uma cena real.

Na prática cotidiana, há que se analisar como estes modelos se opõem, mas também se recortam. O melhor vinho que se serve à mesa pode ter o intuito tanto de expressão de homenagem, de boas-vindas, do prazer de receber o hóspede, de demonstrar a sua importância, da “obrigação” de se oferecer o que há de melhor ao hóspede, como de exibição afrontosa de riqueza e de superioridade, destinada a humilhá-lo. Para a mãe burguesa cuja filha apresenta como noivo alguém que ela tem como um “joão-ninguém” servir-lhe num jantar pratos como *escargots à bourgogne* ou uma lagosta, como forma de confundilo, esse não faz parte da hospitalidade genuína, mas apenas uma forma corrompida de encenação da mesma hospitalidade: não tem como objetivo a mais adequada degustação dessas primícias, mas apenas e tão somente uma forma e um instrumento de hostilidade para com o genro indesejável.

Em decorrência, não é o vinho em si (“é de bom tom oferecer um vinho a seus hóspedes”, diriam os manuais aqui citados), mas é o conjunto de fórmulas verbais e gestuais que traduzirá o desejo do anfitrião – o de obedecer às leis da hospitalidade ou o de simplesmente ostentar diante do seu hóspede. Em outras palavras: na cena em que anfitrião e hóspede se encontram, a ideia de etiqueta se vincula ao gesto correto, enquanto que a hospitalidade é a ética que preside ao seu uso

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os preceitos das etiquetas transitam ao longo de um eixo que vai do exibicionismo e da busca de distinção social à expressão identitária genuína de si mesmo. Procurou-se deixar claro aqui que, ao chamar a imagem do eixo, quer-se mostrar que não existem modelos puros do polos desse eixo. Se na vida cotidiana as pessoas não misturassem tanto esses modelos nas suas práticas de sociabilidade, a análise seria sempre fácil, o que definitivamente não é o caso quando se trata de hospitalidade.

O objetivo central desta pesquisa foi mergulhar nessa discussão trazendo dois modelos de etiqueta que, comprovadamente aqui, situam-se exatamente nos polos desse eixo: um, mais distante da ética da hospitalidade, que valoriza a distinção social, a exibição de signos de superioridade; e outro mais próximo da ética da hospitalidade, de expressão identitária de si e do grupo a que pertence, de sua origem, na busca do ser/estar-bem junto com outras pessoas.

Não se pode dizer que esta discussão tem um lastro na pesquisa científica. Ao contrário, é a emergência dos estudos de hospitalidade que chama a atenção para o posicionamento distinto dos diferentes protocolos do visitar/receber humanos. Cabe, assim, mostrar os rumos da pesquisa.

De um lado, chama-se a atenção para refinar mais as interações entre as noções de etiqueta e ética. Um filósofo como Kant bem pode ajudar na tarefa.



Com sua base iluminista, Kant trouxe para a análise racional conceitos e valores até então típicos dos livros religiosos. Em segundo lugar, trata-se de ampliar e aprofundar as considerações e as reflexões em torno dos dados coletados. Em particular, trata-se de ressaltar não apenas os valores em que ambos os modelos de etiqueta se lastreiam, coincidem e se diferenciam, o que, apenas em parte, foi feito aqui. Mais uma vez, a filosofia é o campo ideal para esta reflexão e a teoria da hospitalidade é suficientemente rica para permitir tal empreendimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar, H. V. (2011). *Etiqueta 3.0*. São Paulo: Editora Generale.
- Benett, C. (2008). *Etiqueta nos negócios*. São Paulo: Gengage.
- Bourdieu, P. (2007). *A crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk.
- Camargo, L. O. L. (2015). Os interstícios da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, Vol.12, nº especial, p. 23-56.
- _____. (2004). *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph.
- Cândido, A. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do malandro brasileiro*. Rio: Zahar, 1978
- Carvalho, M. (1964). *Snobérrimo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Castro, I. (2000). *Etiqueta da beleza*. São Paulo: Panda Books.
- Cyrułnik, B. (1989). *Sous le signe du lien*. Paris, Hachette.
- Dufourmantelle, A. (2003). *Convida Jacques Derrida a falar*. São Paulo: Escuta.
- Dumazedier, J. (1995). *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel.
- Elias, N. (1993). *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Featherstone, M. (1995). *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo, Studio Nobel.
- Figueiredo, J. (2007). *Etiqueta e hospitalidade: do bom-tom às boas maneiras*. 114f. (Dissertação de Mestrado), Universidade Anhembi Morumbi - UAM, São Paulo, SP, Brasil.
- Frasson, A. C. (1998). *A etiqueta: símbolo de "controle social" na corte de Luiz XIV*. Anais. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba: Núcleo de História da Educação Brasileira PPGE/UNIMEP, 61/67.
- Garcia Canclini, N. (1998). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp.
- Gidens, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio: Zahar.

- Gotman, A. (2008). A encenação da hospitalidade. In BUENO & CAMARGO. *Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade*. São Paulo: SENAC.
- Guattari, F. (1981). *Revolução molecular: as pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense.
- Kant, I. (2006). *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. São Paulo: Iluminuras.
- Leão, D. (1992). *Na sala com Danuza*. São Paulo: Siciliano.
- Lorenz, K. (1973). *Os oito pecados mortais do homem civilizado*. São Paulo, Brasiliense.
- Matarazzo, C. (2010). *Superdicas de etiqueta*. São Paulo: Saraiva.
- Mauss, M. (1974). *Ensaio sobre a dádiva e o dom*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP.
- Minayo, M. (2000). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Montandon, A. (2011). Convidar/receber. In: Montandon, A. (ORG). *O livro da hospitalidade*. São Paulo: SENAC, 1303-1309.
- Pereira, D. S. (2003). *Em busca do refinamento: um estudo antropológico da prática da etiqueta*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil.
- _____. (2006). *Em busca do refinamento: um estudo antropológico da prática da etiqueta*. São Paulo: Annablume.
- Pieper, Josef. *Lazer: a base da cultura*. São Paulo: EPU, 1969
- Pimentel, M. A. (2004). *Um convite à etiqueta*. Barueri: Komedi.
- Riesman, D. (1970). *A multidão solitária*. São Paulo: Perspectiva.
- Ribeiro, C. (1996). *Etiqueta na prática*. São Paulo: L&PM.
- _____. (1997). *Etiqueta na prática para crianças*. São Paulo: L&PM.
- Roman, M; Tomiche, A. (2011). Parasitismo: ser hóspede à custa de quem convida. In Montandon, A. (ORG). *O livro da hospitalidade*. São Paulo: SENAC.
- Tomelin, C. A.; Batista, M. A. (2003). Cerimonial Público - As prefeituras municipais do Estado de Santa Catarina em paralelo com a legislação vigente. *Turismo: Visão e Ação*, 5(1), 67-84.
- Veblen, T. (1965). *A teoria da classe ociosa*. São Paulo: Pioneira.

CONTRIBUIÇÕES DE CADA AUTOR

Luiz Octávio de Lima Camargo: responsável por todas as etapas da pesquisa.

